

Perspectivas atuais entre o Global e o Local: as mudanças provocadas pela cibercultura nos valores-notícia dos telejornais locais de Campina Grande

Current perspectives between Global and Local: the changes brought about by the cyberculture in the news-values of the local television of Campina Grande

Eveline Regina GONÇALVES¹
Marcos NICOLAU²

Resumo

Com o advento da cibercultura, o conceito de “local” está passando por um “remapeamento” (DOCTOR, 2011). Na internet, o espaço territorial transformou-se em não físico e isso está trazendo mudanças para a produção dos veículos de comunicação, principalmente para a imprensa local no que diz respeito às notícias exibidas. Esse artigo visa discutir as mudanças dos valores-notícia nos telejornais locais de Campina Grande, na Paraíba, bem como identificar como a interação entre jornalistas e público pela internet e o jornalismo colaborativo têm contribuído para esse cenário. Para isso, analisamos dois casos selecionados por amostras não probabilísticas por conveniência. O primeiro trata da cobertura da TV Paraíba, afiliada da Rede Globo, sobre o Furacão Irmã que atingiu vários países, e o outro diz respeito ao Terremoto do México que foi notícia na TV Itararé, afiliada da TV Cultura na cidade. Concluimos que os dois casos, embora sejam notícias mundiais, ganharam grande destaque nos telejornais locais a partir de um vídeo enviado por um internauta.

Palavras-chave: Global. Local. Cibercultura.

Abstract

With the advent of the cyberculture, the idea of "location" is passing for a remapping (Doctor, 2011). On internet, the territorial space has become a non-physical and this is bringing changes to the production of communicative vehicles, especially to the local press with regards to the news received. This article aims to discuss the changes of values-news in the local news of Campina Grande, in Paraíba, as well identify how the interaction between journalists and the public on the internet and the collaborative journalism have contributed to this scenery. For this, we analyzed two cases selected by non-probabilistic samples for convenience. The first deals with the coverage of TV

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba.
E-mail: evelinegoncalves1@gmail.com

² Pós-Doutor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB. Coordenador do Grupo de Pesquisa em Processos e Linguagens Midiáticas – Gmid/PPGC. E-mail: marcosnicolau.ufpb@gmail.com

Paraíba, affiliate of Rede Globo, about the hurricane Irma that hit several countries, and the other speaks about the earthquake on México that was news on TV Itararé, affiliate of TV Cultura na Cidade. We conclude that the two cases, although they are world news, have gained importance in the local news by a video sent by a web user.

Keywords: Global. Local. Cyberculture.

Introdução

Com o advento da cibercultura e das redes sociais na internet, os veículos de comunicação tradicionais sofreram mudanças significativas. Essa fase da sociedade de informação marcada pelas tecnologias digitais trouxe novas formas de comunicação e de conhecimento a partir de um espaço territorial não físico, formado por uma rede de computadores, onde circulam várias informações. “Trata-se de transformações nas práticas sociais, na vivência do espaço urbano e na forma de produzir e consumir informação.” (LEMOS, 2005, p.2).

As novas formas de fazer jornalismo em um espaço territorial não físico, com o auxílio de todas as ferramentas disponíveis pela internet, estão redefinindo os valores-notícia, principalmente no que diz respeito ao “local” e “global”, afetando diretamente as empresas locais de comunicação. Para Ken Doctor (2011), “o local ficou confuso na rede” (DOCTOR, 2011, p. 80). Isso porque os telespectadores que antes apenas recebiam as informações das empresas de comunicação locais, agora estão imersos na internet onde existem milhares de informações disponíveis de todos os lugares. Eles passaram a definir o que é “local” como desejam. Em uma rápida busca pelo Google o internauta pode aproximar distâncias, saber das notícias de outras cidades e países sem sair de casa.

Nesse contexto, as próprias empresas de comunicação locais também se atualizando, principalmente no que diz respeito ao conteúdo produzido e exibido ao público. Elas estão se redefinindo, encontrando formas de atrair essa audiência. Uma das saídas que está sendo usada pelos veículos tradicionais é abrir espaço para temas globais dentro do telejornal local.

Em grandes acontecimentos, tragédias ou fatos inusitados em nível global, as empresas de comunicação locais estão deixando de noticiar coisas da cidade para abrir

espaço a esses temas já abordados pelas emissoras de rede e que tem cobertura ampla na internet. Mas com uma diferença, elas não noticiam a partir de reportagens das afiliadas e sim a partir do relato de alguém que tem a mesma origem da cidade da emissora local e que está onde aconteceu o fato.

Isso acontece graças à proximidade entre jornalistas e público que é proporcionada pela internet. Em rede, os telespectadores sugerem pautas, comentam o que está sendo exibido e podem contribuir efetivamente com a produção jornalística enviando vídeos, fotos, ou áudios para serem exibidos pelo telejornal. Com o advento dos dispositivos móveis e dos aplicativos de mensagens esse envio de arquivo pode ser feito em tempo real para as emissoras e é através dessas ferramentas que a imprensa tem conseguido aproximar assuntos globais do local.

O nosso objetivo com essa pesquisa é desvendar justamente como as empresas de comunicação locais estão, com o auxílio da internet, abrindo espaço para temas globais. Como os telespectadores estão se transformando em correspondentes e contribuindo para o remapeamento do local e quais são as especificidades dessa cobertura, no que ela se diferencia da abordagem das emissoras em rede. Para isso, selecionamos dois casos, por amostras não probabilísticas por conveniência, que aconteceram em emissoras locais da cidade de Campina Grande, na Paraíba. O primeiro caso diz respeito ao espaço que o JPB 2º edição, telejornal da TV Paraíba, afiliada da Rede Globo na cidade, deu ao furacão Irma que deixou um rastro de destruição em vários locais, inclusive na Flórida, nos Estados Unidos. E o outro se refere à cobertura do terremoto registrado no México, pelo Itararé Notícias, telejornal da TV Itararé, afiliada da TV cultura em Campina Grande.

Mas antes da análise, discutiremos o conceito do local e global, as mudanças nos valores- notícia nas emissoras locais, além de como a interação via internet entre jornalistas e público, e o jornalismo colaborativo têm modificado o que é noticiado pela imprensa no que diz respeito às notícias de proximidade ou de repercussão mundial.

O local e o global na cibercultura

Muitos foram os avanços tecnológicos na Comunicação desde os estudos de Marshall McLuhan (1962) sobre a “aldeia global” que se referia principalmente em como o rádio interligaria completamente o mundo. Mas parece que esse conceito está mais atual que nunca, se levarmos em consideração que essa aldeia global está sintonizada com a globalização provocada pela internet. Na rede, pessoas do mundo inteiro ficaram interligadas em uma mesma nuvem pelos fluxos de transmissão. Segundo Prado (2011), são “fluxos multidirecionais, ou seja, de muitos para muitos, com uma forte capacidade de articulação” (PRADO, 2011, p. 198).

Esses fluxos multidirecionais são chamados por Recuero (2009) de conexões. Para a autora, essas conexões fazem com que as redes sociais online sejam muito mais fortes que as redes sociais off-line, já que integram milhares de pessoas ao mesmo tempo.

Essas conexões, na mediação da Internet, podem ser de tipos variados, construídas pelos atores através da interação, mas mantida pelos sistemas online. Por conta disso, essas redes são estruturas diferenciadas. Ora, é apenas por conta desta mediação específica que é possível a um ator social ter, por exemplo, centenas ou, até milhares de conexões, que são mantidas apenas com o auxílio das ferramentas técnicas. Assim, redes sociais na Internet podem ser muito maiores e mais amplas que as redes off-line, com um potencial de informação que está presente nessas conexões. (RECUERO, 2009, p. 40)

Esse cenário de conexões em rede provocou mudanças no entendimento do “local” e do “global”. LEMOS (2008) trata de conectividade generalizada para estudar as transformações no sentido de espaço e tempo na cibercultura. “Nessa era da conexão, o tempo reduz-se ao tempo real e o espaço transforma-se em não espaço, mesmo que por isso a importância do espaço real e do tempo cronológico, que passa, tenham suas importâncias renovadas” (LEMOS, 2008, p. 20). Antes, determinado público recebia informações de um veículo ou um grupo de veículos específicos da sua região, e hoje, na cibercultura, ele está conectado ao mundo inteiro sem sair de casa.

O sociólogo francês Alain Bourdin (2001) entende o local como o mundo da vida diária, “da construção comum do sentido que faz o vínculo social” (BARDIN, 2001, p. 56). O autor insere novos aspectos ao aprofundamento da concepção da territorialidade política e estuda o local como uma forma social que possibilita integração e troca dos atores e dos grupos. Assim, o local seria um lugar de proximidade. Rocha (2014) se baseia no autor e mais de uma década depois elabora um conceito de local também focado na proximidade. Para ela:

É no local onde pulsa a vida; os costumes se fortalecem, o social se robustece e as tensões domésticas são dizimadas, entendidas e absorvidas. É no local que as identidades são criadas e fortalecidas pelos laços, por vezes familiares, por vezes, afetivos e culturais de determinada comunidade; seja na família, primeira célula social, seja na sociedade, no clube, associação de moradores, na padaria da esquina; no bate papo da roda de amigos [...]. (ROCHA, 2014, p.155)

Mas na cibercultura essa ideia de “local”, como espaço territorial de uma comunidade, está sendo reformulada. Os internautas podem conhecer vários outros países e conversar com pessoas do outro lado do mundo sem sair de casa. Segundo Doctor (2011), o local está sendo remapeado, atualizado. É o que ele diz em uma das suas leis da Newsonomics, que se concentra nas principais tendências da notícia e dos veículos de comunicação.

O autor aponta duas razões para que o conceito de local esteja sendo modificado. A primeira diz respeito às facilidades da rede em deixar o internauta definir o que é local.

É como se a cidade fosse um grande mapa do Google, com zoom para aproximar ou distanciar. Queremos olhar o nosso quarteirão, o bairro, a área? É possível se concentrar nela, pela cortesia da tecnologia dos agregadores como Topix, Outside In e até mesmo o próprio Google. Ou então talvez queiramos dar uma olhada na cidade em si. Ou na região. Sigamos o mouse e capturemos uma parte grande ou pequena da cidade como desejarmos. Notícias, listas de entretenimento, eventos familiares e outras coisas. (DOCTOR, 2011, p. 81)

A segunda razão trata da redefinição que estão passando as empresas locais de mídia principalmente com relação à produção e exibição de conteúdo. Como o público

está imerso nessa rede com tanta informação disponível de todos os lugares do mundo e ele mesmo consegue definir o “local”, a imprensa como a conhecemos não pode mais existir, segundo Doctor. “O comercial, o editorial, os diretores de estações ou os produtores de programas estão ocupados redefinindo o que território local significa agora” (DOCTOR, 2011, p. 81). Uma das saídas encontradas pelos veículos de comunicação é abrir espaço para o global dentro da programação local.

O termo global tem relação com as transformações históricas, econômicas, culturais, políticas e sociais pelas quais passa a humanidade. Segundo Rocha (2014), o fenômeno da globalização que vem de global, ficou mais conhecido a partir de 1990 por causa das crises econômicas em nível nacional e internacional e do modelo neoliberal adotado pelo Brasil, muito associado à mundialização. “Naquela época era comum afirmar que um espirro da economia de países emergentes do outro lado do planeta como Coreia e Rússia, por exemplo, era suficiente para contaminar a nossa” (ROCHA, 2014, p. 156).

Para Muniz Sodré (2012), a globalização está ligada as tecnologias de informação que têm como principal ponto de funcionamento a velocidade com o objetivo de acelerar as informações.

Global mesmo é a medida da velocidade de deslocamentos de capitais e informações, tornados possíveis pelas tele tecnologias – globalização é, portanto, outro nome para ‘teledistribuição’ mundial de um determinado padrão de pessoas, coisas e, principalmente, informações (SODRÉ, 2012, p. 23).

Essas informações chamadas globais estão ganhando espaço na imprensa local, ou seja, os veículos de comunicação estão mudando os valores- notícia, já que antes estavam ligados principalmente à proximidade da informação com o público. Para entendermos esse fenômeno e como os veículos de comunicação locais estão selecionando os temas globais em detrimento de outros, vamos nos ater agora aos critérios de noticiabilidade e aos valores-notícia utilizados pelos jornalistas para selecionar os fatos que serão exibidos nos noticiários.

Valores-notícia do local na cibercultura

Todos os dias acontecem inúmeros fatos em uma cidade. Além de serem recebidas sugestões e denúncias o tempo inteiro em uma redação. Os jornalistas precisam, então, fazer uma seleção do que será noticiado no jornal. Segundo a teoria do *gatekeeper* eles utilizam filtros, e apenas as informações que passam pelo portão seletivo ganham espaço na mídia. De acordo com Traquina (2005, p.150):

Nesta teoria, o processo de produção da informação é concebido como uma série de escolhas onde o fluxo de notícias tem que passar por diversos gates, isto é, “portões” que não são mais do que áreas de decisão em relação às quais o jornalista, isto é o *gatekeeper*, tem de decidir se vai escolher essa notícia ou não. Se a decisão for positiva, a notícia acaba por passar pelo “portão”; se não for, a sua progressão é impedida.

Os jornalistas utilizam critérios de noticiabilidade para analisar os acontecimentos e selecionar as notícias. Para Wolf (2002), esses critérios de noticiabilidade são medidos pelos valores- notícia presentes ao longo e depois do processo de produção. Segundo o autor, os valores-notícia de seleção são os primeiros critérios pelos quais passam os fatos para que sejam escolhidos ou descartados pelos jornalistas. Os valores-notícia de seleção estão subdivididos em substantivos e contextuais. Os critérios substantivos dizem respeito à avaliação da importância do fato, ao nível de interesse que ele pode causar na população. Esses critérios podem ser: a morte, notoriedade, proximidade, relevância, novidade, tempo, notabilidade, inesperado, conflito, infração e escândalo. Já os critérios contextuais dizem respeito ao contexto do processo de produção das notícias e não às características do próprio acontecimento. São as questões técnicas, a disponibilidade da equipe de reportagem, a existência ou não de boas imagens, o que está sendo abordado pela concorrência, entre outros.

No jornalismo local, os valores-notícia normalmente são ligados a proximidade. As reportagens abordam prestação de serviço e fatos de relevância para aquela comunidade, uma forma de fazer com que as pessoas vejam sua realidade e seu cotidiano retratados no telejornal. “O telejornalismo local colabora com a construção da

identidade de um sujeito ou de uma comunidade a partir de suas representações” (BATISTA; RIZZOTTO, 2016, p.12). Mas com o advento da cibercultura, os noticiários locais estão abrindo espaço para notícias de repercussão mundial, o que antes era papel dos telejornais de rede. Para isso, as emissoras, na maioria das vezes, usam as contribuições das pessoas que estão presenciando o fato e que se transformam em uma espécie de correspondente. Essas contribuições chegam à redação, principalmente, por causa da interação entre jornalistas e público na internet e do jornalismo colaborativo e de fonte aberta.

Interação jornalistas x público e jornalismo de fonte aberta

A interação entre jornalistas e público começou antes da cibercultura. Ela já existia por cartas e telefonemas, mas foi com o advento da internet e das redes sociais que ela passou a acontecer em potencial. Com a convergência midiática (JENKINS, 2009), onde velhas e novas mídias se cruzaram, os profissionais dos veículos de comunicação tradicionais, a exemplo da televisão, passaram a atuar também na internet e interagir com o público. É o que Primo (2008) conceitua de Interação Mútua, “aquela caracterizada por relações interdependentes e processos de negociação, em que cada interagente participa da construção inventiva e cooperada do relacionamento, afetando-se mutuamente” (PRIMO, 2008, p. 56).

Diferente do que acontece na Interação Reativa, que também é caracterizada pelo autor e diz respeito às interações com respostas já pré-determinadas por uma máquina, na Interação Mútua os participantes interagem através da conversação. Recuero (2010) estuda a conversação no contexto das redes sociais. Para a autora, a conversação é “a porta através da qual as interações sociais acontecem e através da qual as relações sociais são estabelecidas”. (RECUERO, 2010, p.3). Ela é “uma interação verbal centrada, que se desenvolve durante o tempo em que dois ou mais interlocutores voltam sua atenção visual e cognitiva para uma tarefa comum” (MARCUSCHI, *apud* RECUERO, 2010, p.3). Uma espécie de diálogo online e por isso Recuero (2010) elenca como características dessa interação a escrita “oralizada”, unidade temporal elástica, a buscabilidade e a replicabilidade.

É a partir da conversação, que os internautas podem interagir com os jornalistas para comentar o que foi exibido pela emissora, sugerir temas para reportagens ou mesmo enviar algum arquivo para ser utilizado no telejornal. Ao contrário do que acontecia nas mídias de massa onde o fluxo de informação era controlado pelos veículos de comunicação, nas mídias de função pós- massiva com a internet, a emissão é aberta, e os próprios telespectadores colaboram com a produção jornalista, fenômeno que Lemos (2008) conceitua de Liberação do polo emissor.

A liberação do polo da emissão está presente nas novas formas de relacionamento social, de disponibilização da informação e na opinião e movimentação social da rede. Assim chats, weblogs, sites, listas, novas modalidades midiáticas, e-mails, comunidades virtuais, entre outras formas sociais podem ser compreendidas por essa lei (LEMOS, 2008, p. 20).

A popularização dos smartphones e do uso das redes *Wi-Fi* e 3G tornaram essas contribuições por parte dos telespectadores mais constantes, já que o celular digital assumiu funções de alta mobilidade, dando a possibilidade dos usuários estarem conectados o tempo inteiro através de uma comunicação ubíqua e pervasiva. A partir desses dispositivos móveis, qualquer pessoa pode registrar fatos que não foram captados pelas câmeras dos repórteres cinematográficos e enviar instantaneamente para a redação das emissoras.

Essas tecnologias de comunicação móvel facilitam o registro e divulgação de fatos no momento em que eles ocorrem. As empresas jornalísticas passaram a contar com a pulverização de fontes de imagens e informações, mesmo onde não haja qualquer jornalista ou repórter-fotográfico. E não faltam ilustrações sobre os processos distribuídos e capilarizados que subsidiaram a ampliação da cobertura de grandes notícias: o ataque às torres gêmeas, em 11 de setembro de 2001; o tsunami no sudeste asiático, em dezembro de 2004; as explosões no metrô de Londres, em julho de 2005” (PRIMO; TRÄSEL, 2006, p.4)

As testemunhas do fato passaram a ocupar o papel de divulgadoras da informação e assim contribuir efetivamente com a produção da notícia. Essas contribuições são entendidas por jornalismo participativo, colaborativo, ou ainda

jornalismo de fonte aberta (HOLANDA, 2007), onde o público participa ativamente do processo noticioso. O jornalismo de fonte aberta é aquele que depende da participação do público, “nada menos que o trabalho do repórter quando este não está recorrendo a fontes oficiais ou documentos sigilosos. Seria, talvez, a face mais democrática do jornalismo”. (HOLANDA, 2007, p. 153)

Exercendo esse papel de cidadão-repórter, qualquer pessoa pode enviar, em tempo real pela internet, arquivos para os veículos de comunicação de qualquer parte do mundo. E isso tem contribuído para que emissoras locais modifiquem seus valores-notícia e deixem de noticiar fatos da comunidade para dar destaque a assuntos de repercussão mundial, como observaremos na análise dessa pesquisa.

Análise da cobertura sobre o Furacão Irma e do Terremoto no México nos telejornais de Campina Grande

Escolhemos os casos por amostras não probabilísticas por conveniência, já que são exemplos em potencial que trazem à tona as mudanças nos valores-notícia e nas formas de produção nos telejornais locais, bem como as contribuições do público para esse novo cenário, a partir do jornalismo colaborativo. Um dos casos estudados diz respeito à cobertura da TV Paraíba, afiliada da Rede Globo em Campina Grande, sobre o furacão Irma que atingiu vários países, inclusive a Flórida, nos Estados Unidos. O outro caso é da TV Itararé, afiliada da TV Cultura na cidade e a abordagem dela sobre o terremoto no México. Analisamos os dois casos buscando desvendar de que forma a notícia de nível global ganhou espaço nas emissoras a nível local e como as fontes contribuíram para essa abordagem a partir do material enviado pela internet feito por elas próprias.

Primeiro vamos nos ater a cobertura do JPB 2º edição, telejornal da TV Paraíba, afiliada da Rede Globo em Campina Grande, sobre o furacão Irma. O furacão surgiu no final do mês de agosto de 2017, na costa africana, e começou a causar estragos no dia 6 de setembro quando chegou à ilha de Barbuda, na região do Caribe. Segundo

informações do Portal Uol³, ele seguiu para a Flórida, nos Estados Unidos, e com ventos de 210 km/h deixou mais de um milhão de pessoas sem energia elétrica no local. Em Miami, os ventos derrubaram guindastes, árvores, comprometeram prédios, e várias ruas ficaram inundadas. Esse fato estava sendo pauta no mundo inteiro, principalmente pela internet e pelas emissoras de rede que tem correspondentes no local. Várias entrevistas com especialistas, políticos, autoridades, meteorologista e inúmeras outras fontes estavam sendo exibidas nos noticiários sobre o furacão. Mas a abordagem não se limitou as emissoras de rede, a notícia chegou ao telejornal local da cidade de Campina Grande, que em meio a inúmeras notícias do dia na região, preferiu destinar tempo para essa notícia global.

No dia 8 de setembro de 2017, o JPB 2º edição utilizou pouco mais de 2 minutos para noticiar o furacão Irma. O telejornal exibiu um vídeo⁴ enviado por um rapaz da cidade de Livramento, que fica a cerca de 150 km de Campina Grande, e que estava na Flórida e tinha presenciado a tragédia. A figura 1 mostra o vídeo que foi enviado pelo paraibano e exibido no telejornal, através do jornalismo colaborativo.

Figura 1- Relato exibido no JPB sobre o furacão



Fonte: Captura de tela do vídeo disponível no site do G1 Paraíba

No vídeo, o rapaz relata como está a situação para os moradores da Flórida com o furacão, fala do cotidiano deles, das dificuldades para encontrar água, comida e combustível, e do pânico enfrentado. Parte da narração de Irlan Almeida é coberta por

³ Disponível em <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2017/09/10/a-horas-do-auge-do-furacao-irma-florida-ja-tem-milhares-sem-luz-e-inundacoes.htm>. Acesso 18 out. 2017

⁴ Disponível em <http://g1.globo.com/pb/paraiba/jpb-2edicao/videos/t/edicoes/v/paraibano-relata-preocupacao-de-brasileiros-com-furacao-irma/6136268/>. Acesso 18 out. 2017

imagens também enviadas para o telejornal retratando o que ele estava falando. A figura 2 mostra uma dessas imagens. Uma prateleira sem nenhum estoque de mantimentos.

Figura 2 - Imagem exibida no JPB 2° sobre o furacão



Fonte: Captura de tela do vídeo disponível no site do G1 Paraíba

Em um telejornal que tem apenas em média 20 minutos para noticiar tudo que aconteceu em Campina Grande e região, destinar pouco mais de dois minutos para o relato do paraibano foi um tempo considerável. Esse caso reforça a teoria do remapeamento do que é local, como tratamos nesse artigo a partir dos estudos de Ken Doctor (2011). As emissoras locais estão tendo os valores-notícia modificados, deixando de exibir fatos de mais proximidade para noticiar assuntos em nível global, que já são tratados pelas emissoras de rede. Os arquivos enviados pelas próprias fontes pela internet têm contribuído para esse fenômeno, através do jornalismo participativo, ou de fonte aberta. Outro exemplo onde um vídeo enviado pela internet auxiliou nesse remapeamento do local, diz respeito à cobertura da TV Itararé, afiliada da TV Cultura em Campina Grande sobre o terremoto no México.

O terremoto foi registrado no dia 19 de setembro de 2017 e teve magnitude 7,1 na escala Richter, segundo informações do G1⁵. Mais de trezentas pessoas morreram, houve incêndio, prédios desabaram e várias pessoas ficaram feridas. Essa tragédia ganhou grande repercussão na mídia mundial e também foi noticiada pelo telejornalismo local de Campina Grande no Itararé Notícias, telejornal da TV Itararé.

⁵ Disponível no site [https://g1.globo.com/mundo/ao-vivo/terremoto-no-mexico-19-de-setembro-de-2017.ghtml#/. Acesso 18 out 2017.](https://g1.globo.com/mundo/ao-vivo/terremoto-no-mexico-19-de-setembro-de-2017.ghtml#/)

Na edição do dia 21 de setembro, a emissora utilizou um vídeo⁶ enviado por um campinense que estava na Cidade do México, uma das mais atingidas pelo terremoto. Na figura 3 é possível observar que o vídeo foi feito por ele mesmo em um dispositivo móvel.

Figura 3 - Relato exibido pelo Itararé Notícias sobre o Terremoto



Fonte: Captura de tela do vídeo disponível no Youtube

O publicitário da cidade de Campina Grande relata os instantes quando o tremor começou a ser sentido, quais foram os procedimentos que eles fizeram para sobreviver e conta sobre o pânico das pessoas. É um depoimento de alguém que vivenciou de perto a tragédia. Não há entrevistas com fontes oficiais, nem especialistas, como é comum nas emissoras de rede. Com a câmera na mão, ele narra o que aconteceu no momento em que o tremor foi sentido e ainda se desloca para mostrar parte da cidade que ficou destruída. A figura 4 mostra o momento em que ele sai do centro da tela para mostrar o cenário após a tragédia.

⁶ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=mhWjs0hFEVE&list=PLqUA6u-9vQ5V04H9D-Dpuzbd9uYwFd5Y7&index=9>. Acesso 18 out 2017.

Figura 4 - Fonte mostra destruição na Cidade do México



Fonte: Captura de tela do vídeo disponível no Youtube

Foram quatro minutos reservados a esse vídeo nessa edição do Itararé Notícias. Em um telejornal que tem duração média de 40 minutos por dia, pode-se afirmar que o material teve destaque pelo tempo que foi destinado a ele. O papel de cidadão-repórter do publicitário e a interação entre ele e os jornalistas, para que o vídeo chegasse à redação, foram necessários para que essa notícia de repercussão mundial ganhasse destaque no telejornal local de Campina Grande.

Considerações finais

Os dois casos analisados nessa pesquisa, tanto a cobertura do furacão Irma pela TV Paraíba, quanto o terremoto no México pela TV Itararé demonstram a importância da interação entre usuários e jornalistas para essa modificação das formas de produção da notícia e do remapeamento do que é local para os veículos de comunicação regionais. Entre inúmeros fatos que estavam acontecendo na cidade e na região, eles abriram espaço para noticiar um fato mundial.

É importante frisar que essa abordagem pelos veículos locais está sendo feita de uma forma diferente do que é feito pelas emissoras de rede embora sejam os mesmos assuntos. Nas grandes emissoras, priorizam-se as fontes oficiais e as reportagens mais detalhadas feitas pelos correspondentes. Já nas emissoras locais, como observamos nessa pesquisa, as vozes de pessoas da comunidade e que estejam presenciando o fato têm ganhado destaque, através do jornalismo colaborativo. As próprias fontes fazem o material e enviam em tempo real pela internet para os veículos de comunicação.

Ao abrir espaço para as pessoas e os relatos delas, os veículos de comunicação podem aproximar o fato global daquela comunidade, já que a fonte tem a mesma origem da emissora. Mas por outro lado, esse fenômeno dá margem para que outras pesquisas se debruçam sobre o espaço destinado a essas notícias globais e o impacto para aquela comunidade. Será que as notícias de proximidade estão deixando de ser noticiadas? A população pode deixar de se sentir representada por esse veículo de comunicação por causa disso?

São importantes pesquisas nesse sentido para que o remapeamento dos valores-notícia do global e local não prejudique o processo noticioso, bem como para que a interação entre jornalistas e fontes e o material enviado por elas, através do jornalismo colaborativo, acrescente ao telejornal e não represente uma ameaça para as notícias do cotidiano da comunidade. Novas formas de produção, de valores-notícia, de interação pelas redes sociais e do jornalismo colaborativo devem ser discutidas para que as ferramentas disponíveis em rede acrescentem e não debilitem o processo da informação.

Referências

BATISTA, M. C; RIZZOTTO, C. C. **Telejornalismo local**: um estudo sobre a representação e a construção da identidade. Revista Uninter de comunicação. Curitiba-PR, v. 4, n. 6, jun. 2016. Disponível em:<<https://www.uninter.com/revistacomunicacao/index.php/revistacomunicacao/articloe/view/612>>

BOURDIN, Alain. **A questão local**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

DOCTOR, Ken. **Newsonomics**: doze novas tendências que moldarão as notícias e o seu impacto na economia mundial. Tradução por Claudia Gerpe Duarte. São Paulo: Cultrix, 2011.

HOLANDA, André. **Estratégias de abertura**: o jornalismo de fonte aberta dos casos Indymedia, CMI, Slashdot, Agoravox, Wikinoticias e Wikinews. Dissertação. Salvador: POSCOM/UFBA, 2007. Disponível em: <<http://goo.gl/n44FdA>> Acesso em 10 nov. 2014.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Editora Aleph, 2009.

LEMONS, André. Cibercultura e mobilidade: a era da conexão. *In*: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação Intercom- 28**. 2005, Rio de Janeiro. Disponível em:

<http://files.surubimtics.webnode.com/200000011-420a743fca/Cibercultura%20e%20Mobilidade%20_%20A%20Era%20da%20conex%C3%A3o%20-%20Andr%C3%A9%20Lemos.pdf>

_____. **As estruturas antropológicas do ciberespaço.** *In:* Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2008.

MC LUHAN, M. H. *A Galáxia de Gutenberg.* São Paulo: EDUSP, 1972.

PRADO, Magaly. **Webjornalismo.** Rio de Janeiro: LTC, 2011.

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador:** comunicação, cibercultura, cognição. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.

_____; TRÄSEL, Marcelo Ruschel. **Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias.** Disponível em: <http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/webjornal.pdf_> Acesso em 25 abril 2017.

RECUERO, Raquel: **Redes sociais na internet, difusão de informação e jornalismo:** elementos para discussão. *In:* Soster, Demétrio de Azeredo; Silva, Fernando Firmino da. (Org), *Metamorfoses jornalísticas 2: a reconfiguração da forma,* Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 2009.

_____. **A conversação como apropriação na comunicação mediada pelo computador.** Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/raquelrecuerolivrocasper.pdf>.> Acesso 10 abril 2017

ROCHA, J. M. **O local e o global:** conceitos e tendências do ciberjornalismo regional de dourados. *Comunicação & Mercado/UNIGRAN - Dourados - MS, vol. 03, n. 08, p. 04-15, jul-dez 2014*

SODRÉ, Muniz. **O globalismo como barbárie.** *In:* MORAES, Dênis (Org.) *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder,* 6ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2012.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo** – porque as notícias são como são. 2. ed., Florianópolis: Insular, 2005.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação.** Lisboa: Editora Presença, 2002.